

Tanzanianos formados pela UEM

Notícias

5/2/86 p 2

— "estamos gratos aos moçambicanos", dizem, na hora da sua graduação como engenheiros

por António Fernando

John Mshana e Plus Rupia são tanzanianos, e dentro de pouco tempo regressarão à terra que os viu nascer, prontos a contribuir para o seu engrandecimento. O ano passado foram graduados pela UEM, como engenheiros-mecânicos. Encontrá-los debaixo duma árvore, na Residência Universitária n.º 1, aí na Avenida Amílcar Cabral, em conversa animada com estudantes moçambicanos, como sempre o têm feito nas horas de lazer. A primeira vista era difícil distingui-los dos restantes do grupo, mas afinal, como é natural, têm traços distintos. John é forte, com a face enrugada, ar de «boxeur» profissional. Plus Rupia parece falar só quando necessário e mais nada. Apenas aparências!

Logo depois, um deles não quis perder mais tempo e, para minha surpresa, num português correcto e compassado, começou dizendo:

— Desembarcámos pela primeira vez em Moçambique, no dia 16 de Fevereiro de 1980. Estávamos ligeiramente apreensivos pois, embora tivéssemos ouvido falar do povo moçambicano, durante os anos que durou a luta de libertação nacional e depois, não nos havíamos nunca encontrado com moçambicanos, em particular jovens estudantes. Por isso, pisámos a vossa terra e nossa, cheios de expectativa. Não ficámos desiludidos!

Foi Rupia quem prosseguiu: Éramos um grupo de 19 e vínhamos frequentar vários cursos da vossa Universidade, nomeadamente Agronomia, En-

genharia Civil e Mecânica, Veterinária, Economia e Direito. De 1980 até aqui, muita coisa se deu: dos 19, alguns desistiram, outros prescreveram, uns concluíam os cursos no próximo ano. Apenas quatro foram já diplomados sendo John e eu, de Engenharia, Jones Bulay, da Economia e Thabit Rukalleha, da Veterinária.

O CONTACTO COM OS MOÇAMBICANOS

Chegados a Moçambique John e Rupia ficaram hospedados na Residência Universitária. O primeiro problema foi o do relacionamento com os moçambicanos e com a sua realidade, «obstáculos» que praticamente não existiu porque os moçambicanos são

um povo muito simpático e acolhedor.

John diz:

— Surpreendemo-nos com a espontaneidade e vontade dos vossos estudantes em nos ajudar a resolver os nossos problemas. A princípio, pensávamos tratar-se de um acolhimento passageiro. O facto é que esse acolhimento caloroso e sem fim manifestou-se e manifesta-se com todos os estudantes estrangeiros, africanos, europeus, asiáticos, etc. Em última análise, estamos em face duma característica dos estudantes moçambicanos. É maravilhoso!

Porém, como a sua vida não se circunscrevia apenas à Universidade, John e Rupia tiveram de usar luvas e aprender o português, porque sentindo necessidade natural de contactar com o meio não universitário, constatavam, no momento exacto, com amargura e desgosto, que não podiam comunicar.

Rupia lembra, agora:

— Em questões pontuais estávamos-nos com gestos: só dois especialistas em mimica poderiam, talvez, sustentar uma conversa demorada. Esperávamos vencer esta lacuna nos primeiros dias do curso de Língua portuguesa; a verdade, porém, é que levámos muito tempo a aprendê-la. O português é muito complicado.

O CURSO DE ENGENHARIA

John diz-nos o que foram, depois, os primeiros tempos:

— Ao fim de um ano, quando já estávamos ambientados com a Faculdade de Letras, Departamento de Línguas, transferimo-nos para a Faculdade de Engenharia onde decorreu o nosso curso. A mudança foi grande. Tudo era diferente a começar pelos professores, o tipo de linguagem, até à própria distância a percorrer que passou a ser de vários quilómetros. Rupia parece ter a faculdade de prosseguir a conversa:

— O trabalho duplicou e a responsabilidade tornou-se cada vez mais pesada. Foi aqui onde, uma vez mais, se revelou aquele espírito de ajuda e verdadeira camaradagem entre os estudantes, espírito típico dos universitários moçambicanos. É sabido que em alguns sítios os estudantes se

conhecem apenas dentro das salas de aulas tendo fora, cada um a sua vida. Aqui já não é assim.

John — Estamos, portanto, gratos não só aos estudantes, como também aos professores e a todos aqueles que contribuíram para o sucesso da nossa formação. Mas e sobretudo, estamos gratos aos moçambicanos, pois acolheram-nos de tal forma que nos sentimos como em nossa própria casa, possibilitando-nos o gozo de uma vida agradável, pacata e proveitosa.

Rupia — É a propósito das palavras de John: será correcto afirmar que voltámos à casa, estando aqui em nossa própria casa? Seja como for, levámos para lá onde vamos, como ensinamento, o espírito de camaradagem e solidariedade aqui colhidos.

APELO AOS ESTUDANTES MOÇAMBICANOS

John — Muito embora eu saiba que as condições de estudo são aqui difíceis, gostaria de dizer aos estudantes que nada se consegue sem sacrifícios. Parece um sermão, mas a verdade é que mesmo nós, que agora somos engenheiros, tantas ocasiões trabalhamos até às horas mortas da noite. Queimámos as pestanas, vezes sem conta!

Como trabalho de diploma, Plus Rupia investigou sobre a «Azotação do Aço Rápido no Campo de Descarga Luminosa». Em termos gerais o problema pode enunciar-se assim: aumentar a dureza superficial e diminuir o desgaste das ferramentas de corte, usadas na indústria mecânica. Para isso, Rupia satura a superfície do aço com enxofre. O método é rápido e rentável e não é perigoso pois, não acarreta intoxicação. Foi supervisor o Dr. Eng. Anatoli Batchurin.

Supervisto pelo Dr. Eng.º Victor Guéllis, John fez o projecto de «Reabilitação de uma Ponte Rolante» de 3200 quilos, montada nos finais de 1977 na Central Eléctrica da Refinaria da PETROMOC. Por várias razões técnicas, como o motor eléctrico aquecia excessivamente em pouco tempo de trabalho, provocando vibração excessiva da estrutura metálica, mesmo no funcionamento em vazio, a ponte ficou paralisada em 1980.

— Se o projecto for implementado — diz John — a ponte funcionará em pleno, facilitando assim a manutenção dos geradores eléctricos, tarefa a que está destinada.

Os trabalhos foram avaliados com notas 14 e 15, respectivamente e, segundo os seus autores, vamos aplicá-los na indústria do nosso país.



1 tanzaniana Maria e o Eng.º Nelson Velho felicitam Rupia, após a sua graduação